

“SER PORTUGUÊS”*

LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA

Quando me convidaram a falar-vos sobre “**ser português**” vi nessa proposta um desafio e uma espécie de aventura. E como não sou homem de fugir aos desafios da vida, logo no meu íntimo despertou a vontade de aceitar. Só não sabia se disporia de oportunidade para reflectir e escrever. E mesmo agora ainda não sei se a escassez do tempo me deixará alinhar algumas ideias e chegar ao fim. Se o conseguir, será apenas o meu testemunho e pouco mais; é que este assunto toca o mistério da vida de um povo – o português – o que foi e é sempre difícil traduzir em palavras.

Quando David se sentiu às portas da morte proferiu esta estranha e solene consideração: “Vou entrar no caminho de toda a terra”. De facto nós nascemos sem nos pedirem consentimento, somos envolvidos passivamente pela família, pelas tradições e pelo ambiente: “O caminho de toda a terra”. Nesse sentido é bem verdadeira a observação de Paul Ricoeur: “Eu pertença à história antes mesmo de me pertencer”. Abrimos os olhos e logo buscamos instintivamente segurança, satisfação e contamos com a nossa mãe, o pai, a família. Crescemos. Entendemo-nos espontaneamente com as outras crianças e promovemos, à margem dos adultos mas vigiados por eles, os nossos jogos, os nossos pequenos interesses. Depois levam-nos à escola e aprendemos a ler e a contactar com o novo mundo que nos é apresentado. A sociedade mete-nos à força, com mais ou menos habilidade, nas boas maneiras e nos estudos.

* Palestra proferida a pedido de um grupo de estudantes universitários.

Todos lidámos então com as contas, a gramática, a geografia, a história, etc. Os maiores já sabem estas coisas e sem nos consultarem, somos levados forçosamente pelo mesmo caminho como flôr arrastada por um açude. Nem nos passou pela cabeça que se pudesse crescer de outra maneira. Mas, pouco a pouco, vamo-nos dando conta de que já podemos tomar algumas pequenas decisões, por exemplo na escolha dos jogos e dos companheiros e, quando os pais o consentem, até nas horas de aprendizagem. Essas decisões não vão muito além, pois os planos de estudo, os exames, o horário, tudo está determinado e nada mais nos é permitido senão meter a cabeça nessa construção de arame com que a tradição nos leva e nos prende. Ouvimos falar de outras povoações e locais importantes que ficavam ao pé do nosso e só os visitamos acompanhados pelos maiores. Lembro-me que percebi vagas referências a Lisboa que era a capital, coisa que eu não entendia bem mas também não me interessava aprender; e como o meu pai era da fronteira, captava alusões aos espanhóis como gente distante que até tínhamos vencido numa batalha...

Para mim, nessa altura, ser português não era um problema ou uma interrogação. Era dado indiscutível como a língua que falava, os pais que tinha, a escola que frequentava e os jovens amigos com quem convivía e brincava. Era uma "Maria vai com as outras" no feliz reparo do nosso povo. E o que se passou comigo, até aqui, não é o que acontece com toda a gente?

Houve, porém, um facto ou um "choque" que mudou por completo a minha vida. Em 1934, tinha eu uns 20 anos, vim para Braga cursar filosofia para o primeiro ano do recém-fundado Instituto B. Miguel de Carvalho. Até então eu não passava de um aluno bem intencionado que estudava o que me mandavam estudar, repetia o que me mandavam repetir, enfim corria para onde me mandavam correr. Providencialmente, nessa altura, era muito adoentado e ficava entregue a mim mesmo e aos meus livros, com a convicção, que um médico pouco hábil me metera na cabeça, de que a minha vida não iria muito longe. Contra o costume, por razões circunstanciais, mas para mim mais uma vez providencialmente, logo no primeiro ano penetrei nos caminhos da metafísica que me entusiasmou e da filosofia contemporânea que me alargou horizontes e deu uma volta na minha cultura. Lia muito e encontrei, entre outros, um autor que me marcou porque ele desencadeava claramente um problema que ecoou com força dentro de mim mesmo: "Quería saber ao menos para que vim ao mundo". Esse autor foi Antero de Quental e a confissão da profunda influência que ele exerceu na minha vida cultural deixei-a descrita no prólogo do livro que lhe dediquei. Esse diálogo intenso com os problemas da metafísica, os filósofos contemporâneos e Antero de Quental abriram-me os olhos, deram-me novo fôlego e novas perspectivas, comecei a ser senhor da minha vida, enfim a ser finalmente homem. Por isso só agora, depois de ser "Homem" eu podia começar a responder mais satisfatoriamente à pergunta que me fizeram: "o que é ser Português".

E para me explicar melhor vou contar o que se passou com o meu amigo

Alçada Baptista e li, há poucos dias, no Comércio do Porto (25/02/94): "Alçada Baptista assinala a sua descoberta do Brasil como um "choque". "Há trinta anos quando fui pela primeira vez ao Brasil, diz, descobri que era português. Nós aqui vivíamos em ditadura e ela tinha-se apoderado do nacionalismo, por isso estávamos afastados e excluídos da Pátria, vivíamos tudo por intermédio da França, os nossos partidos políticos, os nossos jornais eram franceses. Quer dizer, que de cabeça eu era francês, confessa. Ao chegar ao Brasil e ao vêr tudo escrito em português, avenidas enormes com nomes portugueses, menús com bacalhau à Gomes de Sá, arrôz de Braga, coisa que nem aqui há mais, descobri que era português, descreve. Cheguei lá Francês e saí Português". Até aqui, a experiência de Alçada Baptista.

Deixando agora os pormenores, fixemos apenas isto: Alçada Baptista reflectindo, naquele encontro com o Brasil, descobriu o que era ser Português. Esta a história dele e cada um de nós experimenta igualmente a sua história desde que tenha ocasião de reflectir e de comparar. Eu vou contar a minha e como descobri, para mim, o que é ser Português. Não pretendo apelar a teorias, apresento sobretudo, como disse, o meu testemunho.

Como ouviram, encontrei-me homem, durante os estudos de Filosofia e portanto sobretudo no mundo da cultura. Conheci Antero de Quental, dialoguei com ele vivamente em filosofia e desejei naturalmente conhecer outros pensadores portugueses: Francisco Sanches, Pedro Hispano, os Conimbricenses, Inácio Monteiro, Vernei e outros, e verifiquei, com espanto, que podendo conhecer as histórias da filosofia estrangeiras não existia ainda uma boa história de filosofia portuguesa. A de Lopes Praça era quase infantil embora meritória por ser a primeira. Apareceu depois uma escrita por um alemão, Lothar Thomas, mas muito imperfeita. Ainda pensei fazer tarefa da minha vida dedicar-me à história da filosofia portuguesa mas verifiquei que autores, mesmo fundamentais, ainda não tinham sido estudados. E no entanto a Europa aprendera durante séculos pela Lógica de Pedro Hispano; nos finais do século XVI e princípios de XVII publicaram-se mais de 50 edições de Pedro da Fonseca e utilizaram-se, como manuais preferidos, os "Conimbricenses". Sentia-me bem a dialogar não só com estrangeiros mas também com os nossos filósofos...

Depois, durante três anos, por força das circunstâncias, dediquei-me à Literatura Portuguesa. Fi-lo com gosto e verifiquei a verdade das palavras de Aubrey Bell: que, depois da grega, nenhuma literatura de um pequeno povo igualava a portuguesa. De facto entre nós surgiram figuras significativas de valor universal como Fernão Lopes, o cronista, Gil Vicente, o criador do teatro peninsular, Camões genial no lirismo e na epopeia, Vieira, "o imperador da língua portuguesa", orador comparável aos melhores em qualquer literatura, para não citar Alexandre Herculano, Antero, Eça e outros.

A seguir a estes anos de estudo, em que admirei com interesse e por vezes com assombro os nossos valores da filosofia e da literatura e com eles dialoguei intimamente de maneira que muito lhes devo do que sou e sobre vários escrevi alguns ensaios, – parti para o estrangeiro onde me demorei uns

dez anos para completar a minha formação teológica (Granada), económica (Bilbau), social e política (Lovaina). Parti cheio de curiosidade e de abertura para descobrir novas terras e novas culturas, com o único desejo de observar e de aprender. A minha atitude de humildade perante o estrangeiro, como pude igualmente comprovar com os portugueses que por lá encontrei, provinha também de certo complexo atávico das nossas limitações que nos levava frequentemente a sobrevalorizar o que vem de fora e a minimizar e até ironizar as nossas coisas. O português, perante o estrangeiro não só não é orgulhoso como o castelhano ou o francês ou o belga ou o alemão que assumem sempre uma atitude de superioridade e desculpam ou escondem as suas mazelas, – é humilde ou delicado, o que pode ser uma virtude, mas chega a ser subserviência, o que já é defeito e pura perda até mesmo cultural. Pude apurar, mais frequentemente do que era para desejar, que a nossa imprensa apresentava personalidades estrangeiras como figuras excepcionais, “especialistas consagrados”, e quando perguntávamos por eles, na sua terra, eram por vezes ignorados ou tidos por talentos secundários... Pude ainda constatar, com certo desencanto, que lá desconheciam pura e simplesmente os nossos valores ou, o que para mim era mais significativo, confundiam-nos com os espanhóis. Quando, na preparação do meu doutoramento, propus a um professor um tema português logo me adiantou: “mas vocês têm lá alguma coisa que valha?” E quem assim falava era professor universitário. Afastei-me e prefiro não confessar o que lhe respondi. Por outro lado surpreendeu-me encontrar naquela altura, embora mais raramente, notáveis pensadores, mesmo inovadores que me falavam com interesse e até carinho de Portugal. Mas esses tinham vivido entre nós durante a guerra e desde então verifiquei que os estrangeiros que nos conheciam pessoalmente nos apreciavam bastante. Fiquei a saber que afinal não perdemos mas antes ganhamos com ser conhecidos directamente. Alguma coisa há em nós de diferente e valioso que nós próprios quase desconhecemos.

Deixando o plano cultural, onde surgiram as reflexões que acabo de referir, vou aduzir outras experiências pessoais e concretas que ajudaram a completar a minha visão de ser português e, portanto, o meu testemunho.

Por 1948 fui participar num congresso de sociologia na Suíça, junto do Lago dos Quatro Cantões. Uma maravilhosa paisagem que confirmava o que eu aprendera nos livros e revistas sobre os encantos da Suíça. Terminado o congresso regresssei a Portugal, passar férias, e fui parar a Viana do Castelo. Lembro-me da minha surpresa perante a beleza daquela cidade que nada ficava a dever aos atractivos dos Quatro Cantões. Tinha rio, a foz ampla do Lima a abraçar a cidade coroada com montanha, o monte de Santa Luzia, e à frente o oceano, vivo e à fala. Sentira apenas uma diferença: sobre a beleza dos Quatro Cantões tinha ouvido falar por toda a parte; quanto à beleza de Viana do Castelo tive de a descobrir pessoalmente pois ninguém me tinha levado a compreendê-la e a admirá-la.

Noutra ocasião, no norte de Itália, amigos italianos levaram-me a visitar um santuário com capelas alinhadas, a subir o monte verdejante. Frizaram-me

a riqueza da sua paisagem... Nesse momento cai na conta do valor do Bom Jesus, monumento semelhante, porém não só mais grandioso mas mais inspirado. Quando era estudante em Braga ninguém me dissera o que naquele momento senti e depois confirmei num estudo de um director do museu do Louvre: que o Bom Jesus era, no género, o melhor monumento na integração da arquitectura na natureza e, nesse sentido, uma das mais belas expressões da arte barroca. Em Portugal nunca tinha escutado semelhante apresentação; foi necessário sair das nossas fronteiras e mais tarde enxergá-lo num crítico não português. Depois destas experiências não deixei evidentemente de visitar o estrangeiro quando houve motivos para isso. Nunca fui um português "esturrado" e sempre apreciei as reais e variadíssimas belezas de outros países. Mas fica mais à mão e não é menos reconfortante visitar, por exemplo, a Serra da Estrela com suas montanhas serpeantes e profundas enseadas por vezes agressivas e sempre magestosas, o Minho com suas colinas verdes e dialogantes, as duas planícies alentejanas: a da primavera, com amplas searas verdes e ondulantes e a do verão, amarelejante e ressequida mas sempre vasta e sonhadora com horizontes a perder de vista; Santarém, a cidade mais central e variada, de onde se descortinam, a norte, os olivais e serranias da Beira, a sul o arranque da planície alentejana e a oeste as águas do Tejo avivadas pela luz do sol. Ou então o Douro profundo, percorrido pelos barcos rabelos e apertado pelas vertentes íngremes da serra, vestida de vinhedos, semeada de casas brancas alcandoradas nas quais o homem descansa, reflecte e guarda os utensílios da lavoura. E as tonificantes praias estendidas ao longo da nossa costa e cheias de areia e de sol? E as belas pérolas do Atlantico, os Açores e a Madeira? Visitei a Madeira pela primeira vez em 1955, ainda em hidro-avião, e voltei lá inúmeras vezes, sem me cansar, e sempre me surgiu renovada e progressiva nas suas deslumbrantes paisagens de montanhas arrojadas e vales profundos, de jardins e flores exóticas, de sonho e poesia. E não vale a pena ir buscar só lá fora o que aqui abunda desde que tenhamos tempo e bom gosto. Mas não quero cair no perigo de exagerar: o que mais lastimo é que conheçamos, pela propaganda, as coisas mais ou menos belas do mundo e as de Portugal tenhamos que as descobrir pessoalmente...

Passemos adiante. A minha experiência, em contraste com o estrangeiro, também me marcou no conhecimento da nossa maneira de ser, de conviver e de estar no mundo. Os portugueses somos diferentes sem o pretender, simplesmente porque o somos. É uma riqueza e um perigo. Demorei-me longos anos no estrangeiro até completar a minha formação. E se me perguntam hoje onde quereria viver, eu respondo: em Portugal. Uma coisa é passar pelo estrangeiro, mesmo demoradamente, quando é preciso ir lá buscar a ciência e uma experiência que cá não temos, até porque para nós não é estranho ser emigrantes, mas todos os portugueses que por lá encontrei, e com quem convivi, se não fosse a "porca da vida", queriam voltar a Portugal. Lembro-me de uma mulherzinha minhota que regressava de comboio a França depois das suas férias e me dizia na sua sabedoria popular, ao presentear-me com a sua

merenda: "Olhe, senhor, nós de França só queremos o dinheiro, no resto preferimos a nossa vida e as nossas coisas". É que, repito, somos diferentes.

Em contraste com os belgas, entre os quais fiz bons amigos, não pude deixar de notar outra característica que me chamou a atenção. Um belga quando tem um franco na mão está sempre a pensar como dele há-de fazer dois. Nós, se temos dinheiro, facilmente o dispendemos naquilo que gostamos; amanhã, Deus dará. Quando um belga tem um galinheiro, se recebe um hóspede, guarda as melhores galinhas para comer com a família e não com o hóspede. Nós, ao contrário, cortejamos o hóspede com o melhor que temos. E quando eu comentava isto com um amigo belga ele respondeu-me logo: sois tolos. Outro belga, meu companheiro de universidade e que regressara do Congo, não aprovava que lá os portugueses se dessem bem não só com os europeus mas também com os negros. Quando surgiam dissensões entre eles os intermediários eram os portugueses porque se davam bem com todos. "Era incompreensível, dizia. Um europeu é um europeu"...

Com os ingleses a minha surpresa foi diferente. Viajava no metropolitano de Londres e reparei que uma criança brincava com perigo junto de uma porta mal fechada. Logo me aproximei e desviei a criança da porta. Tudo me pareceu normal. Qual não foi o meu espanto quando me volto e dou com os olhares repreensivos dos que viajavam comigo na carruagem. É que os ingleses não se preocupam com a vida dos outros nem para bem nem para mal. Cada um deve saber de si e que se arranje. A criança deveria ter alguém que a acompanhasse e isso era com ela. De facto os ingleses vivem o seu dia a dia, isolam-se, deixam passar quem passa. Procuram aninhar-se comodamente em sua casa, ali constroem a sua vida e não lhe importa a vizinhança desde que o não incomode. Assim acontecia em Londres ou nas colónias. O inglês tem orgulho e gosto em ser senhor, estabelece à sua volta o isolamento dourado e só aparece quando é chamado a resolver algum conflito ou algum problema no que, diga-se a verdade, é mestre.

Em Espanha, melhor, em Castela, a minha experiência descobriu-me outros aspectos pois os portugueses facilmente apreendemos certos contrastes flagrantes. Vivi em Espanha depois da guerra civil, nos anos quarenta. Nunca me tinha passado pela cabeça a força tão grande da violência e do desforço: se os comunistas mataram mais de quinhentos mil adversários, os franquistas, depois, mataram outros tantos. As nossas revoluções geralmente não passaram de uns quantos "vivas", chegaram quando muito a prender os contrários e por vezes a expulsá-los. Mas quase nunca a matar. Os nossos suaves costumes repelem estas violências e são raras as atrocidades deste género na nossa história; fomos mesmo o primeiro povo a acabar com a pena de morte. Depois, durante dois anos, vivi em Bilbau, na Biscaia; parecia uma nação ocupada pelo "inimigo": era proibido ensinar a própria língua vascoense nas escolas, não se podia cantar nessa língua pelas ruas, os governadores eram castelhanos. Por isso aparecia com frequência e às ocultas a bandeira espanhola rasgada, e a sua língua nativa era apenas usada nas famílias, dentro de casa. Durante uma

visita, entraram os filhos de um casal vasco, chegados da escola, e como viram hóspedes saudaram em castelhano. Mas logo atalhou o pai: "Então o que é isso? castelhano na escola, vascoense em casa". Mais espantoso foi o que me aconteceu quando, naquele tempo, Portugal venceu a Espanha, em futebol, por quatro a um. O que meteu o golo, a favor da equipa espanhola, foi Iriondo, precisamente um vasco. Quando no dia seguinte entrei na aula fui recebido pelos vascos com uma surpreendente salva de palmas! Espanha perdera mas os vascos tinham-se portado bem, pois fora Iriondo que metera o golo. Compreendi por estes e por outros factos semelhantes, que seria longo narrar, como Castela se impusera à Catalunha, às Vascongadas e à Galiza e dominava pela força e pela violência, e porque é que o povo português, apesar das hesitações e cedências de muitos fidalgos, foi unânime em Aljubarrota e na guerra da independência de 1640. E o curioso é que os castelhanos ainda ignoram essas vitórias talvez porque feriram o seu orgulho de povo dominador. Só aos catalães ouvi referência às nossas guerras da independência em que, confessavam, nós fomos mais felizes do que eles...

Por estas experiências pessoais, por contraste, comecei a compreender melhor o que é ser português. Tal como aconteceu, noutra clima e noutras circunstâncias, a Alçada Baptista. Não construímos a nossa vida para o dinheiro como os belgas, recebemos com deferência os nossos hóspedes e não só lhe cedemos o melhor que temos mas nem sequer os obrigamos a falar a nossa língua e somos nós a falar a sua. Não somos um povo isolado e orgulhoso como o inglês, não cultivamos a violência e a atrocidade como os castelhanos, apreciamos a boa convivência não só entre nós mas também com os outros povos, respeitamos os seus costumes e as suas preferências, somos capazes até de passar necessidades para acudir aos outros quando precisam. Apreciamos acima de tudo uma vida humana, convivente, generosa e, sendo possível, amiga. Por isso afirmo que somos diferentes. Porque não apreciamos como valor decisivo o dinheiro, sempre nos faltou uma base económica nas nossas empresas; assim sofremos o desgaste da nossa aventura marítima mas outros aproveitaram os lucros. Somos conviventes e gostamos de receber bem os estrangeiros, mas por vezes somos subservientes e ingénuos. Levemente preferimos o que é estrangeiro e até desvalorizamos o que é nosso. Imitamos facilmente os costumes dos outros e esquecemos irreflectidamente os nossos. Não temos jeito para impôr os nossos valores mesmo quando excepcionais e estes quase só se tornam apreciados e reconhecidos quando os estrangeiros os divulgaram: já seja o vinho do Porto ou o queijo da Serra ou de Serpa, já sejam figuras geniais como Antero e Fernando Pessoa. O conhecimento, lá fora, da nossa literatura ou da nossa cultura, quando acontece, quase sempre encontra, na sua origem, um intelectual estrangeiro.

Há ainda dois aspectos importantes nos quais a nossa história diz que somos deficientes: na *política interna* na qual facilmente nos desentendemos e até amesquinhamos, em contraste com a política externa, em que tivemos lances excepcionais, e na *economia* pois nunca soubemos dar base sólida

financeira às nossas iniciativas colectivas e mesmo individuais. Geralmente sabemos ser com facilidade pequenos comerciantes, pequenos industriais e pequenos agricultores, mas, entre nós, os grandes comerciantes, os grandes industriais e os grandes agricultores foram sempre uma excepção.

É que uma das nossas maiores limitações históricas foi a falta de cultura pois, apesar de termos responsabilidades no mundo inteiro, na América, na África e no Oriente, até há pouco apenas tivemos, durante séculos, uma única universidade. Hoje a esperança é outra.

Eis como interpreto, através da minha experiência pessoal e cultural, as nossas qualidades e as nossas deficiências que tudo é *ser português*. E como o que acabo de dizer se funda sobretudo na minha experiência pessoal e tenho consciência que possa haver outras, por isso apenas quis apresentar-vos o meu testemunho. Mas o nosso rico sabor da vida sem violências nem opressões, o nosso agrado da convivência com todos sem orgulhos nem desprezos, o gosto da aventura que nos leva a longínquas terras sem esquecer a terra onde nascemos, a facilidade lírica de dialogar com amor e saudade com a vida, o apreço de um bom copo de vinho ou um bom naco de queijo repartido com os amigos, a sociedade indefinível mas segura e reconfortante de um estreito elo familiar, tudo isto, que nos identifica, leva-nos a sentir uma alegria inexprimível quando, depois de longa ausência, pisamos de novo terra portuguesa. Não apreciamos demasiado a grandiosidade porque lhe antepomos um ambiente próximo e quente, não queremos dominar os outros porque amamos a convivência, não preferimos a riqueza e o conforto quando está em jogo o sabor humano da vida. Não somos melhores nem piores. Somos diferentes. E amamos, sem alardes, a nossa maneira de ser. Não será esta também a nossa identidade? Não foi ela que fez de nós o primeiro povo que se lançou aos mares "tenebrosos" e a descobrir novos continentes e, agora, depois das descolonizações, fomos o último a voltar? Por isso me confidenciava um português, docente universitário nos Estados Unidos, que mantinha duas nacionalidades e dois passaportes; "quando viajo na América, disse, uso o passaporte americano mas quando viajo para África e o Oriente apresento o passaporte português porque assim sou melhor recebido". E termina aqui, com esta observação, o meu testemunho.

Naturalmente estais à espera de uma conclusão mais abrangente. Hesito porque apenas quis apresentar o meu testemunho. Mas para concluir, como viajei por vários continentes como cidadão do mundo, não resisto à tentação de sonhar um pouco em voz alta, para além do meu testemunho.

Que pensar da talha deste povo que, em espírito de aventura, num impulso unânime, apenas contradito pelo responsório sensato e discordante dos Velhos do Restelo, se atirou aos mares, desvendou novas terras e criou o "império", mantendo-o vivo durante séculos? Deveu-se à força da população enorme e dos seus exércitos numerosos? Apoiou-se na sua riqueza imensa ou no segredo da sua técnica e cultura altamente especializada? Certamente que não. Era um povo pequeno, pobre quando muito remediado, pouco culto mas

sábio. É surpreendente que esta nação, tendo perdido durante seis décadas a sua independência, depois soube recuperar, com a liberdade, esse imenso território com aceitação e agrado de populações de todas as cores e de todas as raças. E ainda hoje, após a descolonização que nós, sabe Deus como, lhes concedemos, são amigas e recebem com alvoroço os portugueses.

Eu creio que este milagre imenso não provem da cultura badalada nem de políticas astuciosas, mas da *sabedoria* ancestral deste povo generoso que distribuía a todos, sem o orgulho que despreza, sem a violência que oprime, sem a ganância que explora, o sentido de uma comunidade convivente e amiga. Essas populações, assim, quase se sentiam em sua casa...

E pergunto-me se a mensagem deste povo humilde, mas realizador de aventuras grandiosas, se esgotou com a perda do "império" ou pelo contrário não está chamada e talvez destinada a propôr ao mundo actual, mais interdependente mas envolvido em guerras de raças e religiões e em lutas económicas e sociais, o sentido da solidariedade sincera e o sabor de uma vida humana sem opressões, sem orgulhos e mais fraterna.

A ser reconhecida esta mensagem universal que surge da sua sabedoria de viver e da sua construção histórica que durou séculos, este povo realizaria o programa messiânico e universal que Pascoais anteviu na "saudade" ou iria situar-se de novo na origem de uma espécie de "Quinto Império" à escala mundial, à Vieira ou à Fernando Pessoa... Nesse sentido poderíamos também interpretar estes versos da "Mensagem":

Cumpriu-se o Mar e o Império se desfez
Senhor, falta cumprir-se Portugal.

Mas deixemos por enquanto esta perspectiva sonhadora porque o triste espectáculo presente do mundo é outro, e poucos podem ouvir e compreender assim a mensagem real da solidariedade que sempre deve ter presente, como sucedeu com o povo português mesmo em horas de inevitáveis sacrifícios, o bem de todos os povos como irmãos. O sabor humano e fraterno da vida e da convivência universal dos povos!

Se eu fosse francês ou alemão espalharia pelas universidades e pelo mundo a teoria surpreendente do "facto português". Mas como pertenço à pequena "casa lusitana" não me alongo e fico-me por aqui.